

# Psicologia e religião

## Uma análise de práticas religiosas

*James Reaves Farris*

### Resumo

Este ensaio considera as relações entre psicologia e religião, ou, mais especificamente, de práticas religiosas. O texto se divide em três momentos. No primeiro momento, será apresentado um resumo do campo da psicologia como o estudo do comportamento humano e suas raízes na filosofia. No segundo, serão discutidos os significados dos termos religião, revelação e as experiências e práticas religiosas a partir de perspectivas teológicas e psicológicas. No terceiro momento, será apresentado o estado atual do estudo psicológico das práticas religiosas e as implicações para o diálogo entre psicologia e religião. A intenção deste ensaio é oferecer uma perspectiva geral das relações entre estes dois campos de estudo e sugerir a importância de um contínuo diálogo entre os dois.

### Introdução

A intenção deste ensaio é discutir as relações entre psicologia e religião a respeito de práticas religiosas. Especificamente, serão discutidas as relações metodológicas entre – a psicologia, a ciência ou o estudo do comportamento humano – e religião, na busca de significado relacio-

James Reaves FARRIS. "Psicologia e religião". In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

nado ao Sagrado. O tema será desenvolvido em termos de um diálogo entre psicologia e religião ou, mais especificamente, práticas religiosas. A primeira etapa deste diálogo aproximará o tema por meio de uma perspectiva nitidamente psicológica. Nesta seção será discutida a psicologia como uma disciplina e as relações metodológicas entre a psicologia, como ciência, e a filosofia. O segundo momento apresentará o diálogo em termos de questões teológicas e psicológicas a respeito da possibilidade da revelação como base de experiências religiosas e a natureza destas experiências. A terceira etapa apresentará algumas observações sobre o estado atual do estudo psicológico da religião ou das práticas religiosas. A razão destas três etapas, ou aproximações, é que a religião (ou as práticas religiosas), é um comportamento humano, psicológico, e, ao mesmo tempo, religioso: experiências humanas especificamente direcionadas ao Divino; no caso do cristianismo, a Deus. Assim, é impossível separar os dois elementos, psicologia e religião; é fundamental reconhecer que os dois contribuíram para a discussão das práticas religiosas, mas de perspectivas bastante diferentes.

É importante reconhecer que, dentro deste texto, as palavras como Sagrado, Divino e Deus serão colocadas em letra maiúscula. Em qualquer texto de psicologia da religião estas palavras apareçam em letra minúscula. Isso é devido, como será discutido neste texto, ao pressuposto, no campo da psicologia, de que tais termos representam construções que comunicam experiências humanas. A psicologia não entra na discussão da verdade existencial ou ontológica do Divino, do Sagrado ou de Deus, mas estuda esse fenômeno como um comportamento humano. A presença dessas palavras em letra maiúscula revela a crença do autor a respeito da verdade existencial ou ontológica da existência do Divino, do Sagrado ou de Deus.

### Psicologia

A definição clássica de psicologia é que ela é o estudo do comportamento humano. As práticas religiosas são comportamentos huma-

James Reaves FARRIS. "Psicologia e religião". In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

nos e, por isso, fazem parte do campo da psicologia. Podemos usar esta curta definição se levarmos em consideração que a psicologia como “o estudo do comportamento humano” inclui, entre outras, as seguintes áreas: A estrutura e o funcionamento do cérebro, a consciência, a percepção, a motivação, os sentimentos, a cognição, a sexualidade, as relações psicossociais, a personalidade e o desenvolvimento emocional, cognitivo, social e assim por diante. À luz da complexidade e amplitude do campo da psicologia, é importante notar que este ensaio destacará as abordagens psicodinâmicas a respeito da religião e do comportamento religioso. Seria importante, também, notar que, enquanto há muitos psicólogos que acreditam em Deus e têm uma vida espiritual ativa, esta apresentação destaca questões metodológicas em termos da psicologia psicodinâmica como uma abordagem científica.

A psicologia também levanta questões sobre a natureza e a constituição básica do ser humano. A psicologia questiona “Quem é o ser humano?” no contexto de descobrir as tendências e necessidades psicobiológicas que funcionam dentro das tensões e ambigüidades da existência. A psicologia, também, levanta as perguntas “O que é a consciência?” e “O que é a mente?”. Por isso, podemos descrever a psicologia como o estudo do comportamento humano e da ciência da mente. Resumidamente, a psicologia quer: 1) Descrever e analisar dados concretos, ou específicos, dentro de um campo definido (o comportamento humano); 2) Explorar as implicações desses dados concretos, a fim de prever e controlar, num sentido positivo, o comportamento humano; 3) Gerar teorias sobre quem é o ser humano e; 4) Entender as tensões e as ambigüidades da existência, usando a linguagem, os símbolos e as formas de uma dada época, mas não, hipoteticamente, oferecer respostas aos problemas da existência.

A psicologia estuda o comportamento humano; porém, mais especificamente, quer entender a consciência humana. As raízes da psicologia estão na filosofia. Pode-se dizer que o campo da psicologia existe por causa de uma pergunta antiga e fundamental, e não resolvida, dentro do campo da filosofia: “O que é a consciência humana?” Ou, mais espe-

cificamente: “Qual é a relação entre a mente e o cérebro?” Esta pergunta tem preocupado a filosofia desde os tempos antigos. Não é possível definir exatamente quando esta questão foi levantada pela primeira vez. É tão antiga como a filosofia. Provavelmente, a formulação moderna deste problema começou com René Descartes, nos meados do século 15. Descartes, reagindo contra a filosofia, ou a teologia, a Escolástica da Idade Média, queria sair da lógica dedutiva. Para ele, e isto é sua contribuição fundamental em termos de filosofia e psicologia, a filosofia deve começar com a consciência humana e não com quaisquer verdades reveladas ou fixas. Ou, em outras palavras, construímos nossas verdades. É assim que começamos com o estudo da consciência humana, como a base ou o fundamento da filosofia. Dá para ver a mesma abordagem ou perspectiva filosófica nas obras de filósofos tais como: John Locke, Francis Bacon, George Berkeley e Immanuel Kant.

Os primeiros psicólogos modernos não eram “psicólogos”, eram filósofos tentando resolver questões fundamentais sobre a natureza e os conteúdos da consciência humana. Podemos dizer que os primeiros psicólogos modernos foram Friedrich Nietzsche<sup>1</sup> e Ludwig Feuerbach<sup>2</sup>. Dois filósofos fascinados com a natureza humana, a experiência humana e as estruturas da consciência. Para estes dois filósofos, a meta da filosofia não era a construção de supersistemas filosóficos, ou filosofias metafísicas, mas o entendimento da consciência humana, a natureza humana. A filosofia deve ter como seu centro o ser humano, e não Deus ou a metafísica. Mas estes dois filósofos e outros chegaram até um certo ponto e não conseguiram avançar mais. Eles conseguiram discutir bem a consciência humana como uma idéia ou um conceito, mas no meio da discussão surgiu outra pergunta que contribuiu para o desenvolvimento da psicologia moderna: “Qual é a relação entre o cérebro e a mente?” Ou: “Onde reside a mente?” Dá para concluir que foi com esta pergunta que a “Ciência” da psicologia moderna, ou o estudo do comportamento humano, da consciência e da mente, começou.

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *Assim Falava Zarathustra*, São Paulo, Cultura Moderna, s.d.

<sup>2</sup> FEUERBACH, Ludwig, *Preleções Sobre A Essência da Religião*, Campinas, Papirus, 1989.

James Reaves FARRIS. “Psicologia e religião”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

## A religião, a revelação e as experiências religiosas

Uma das perguntas mais antigas e debatidas na religião é a relação entre a revelação, a experiência religiosa, ou as práticas religiosas, e a consciência, ou a natureza humana. A forma mais moderna, ou atual, desta questão é a seguinte: “O ser humano tem acesso direto a Deus, ao Sagrado, ou ao Infinito, ou estamos lidando, exclusivamente, com os conteúdos da consciência humana?” Outra maneira de colocar esta mesma pergunta é a seguinte: “A experiência religiosa é de Deus, do Infinito, do Sagrado, ou tem sua base exclusivamente na experiência humana?” Uma implicação deste debate é a questão de quem pode estudar a experiência religiosa e o comportamento religioso, usando quais metodologias ou óticas. Este debate começou com o advento da psicologia moderna, no fim do século 19. Antes disso, a resposta era quase absoluta: a experiência religiosa vem de Deus, ou da revelação de Deus, e as práticas religiosas expressam essa experiência direta. O acesso à revelação de Deus não era, geralmente, discutido. A Bíblia era considerada, de alguma forma, a revelação de Deus e as experiências místicas, ou religiosas, eram consideradas como tendo sua fonte na ação de Deus, a revelação. Isso é, com certeza, uma supersimplificação, mas aponta uma forte tendência teológica.

Com o advento do estudo moderno da psicologia e da função da linguagem no comportamento humano, tudo isso mudou, por causa da presença de novos métodos de estudar a religião, por mais da psicologia. A frase “experiência religiosa” está sendo usada no seu contexto mais especificamente “religioso”. Desse modo, a “experiência religiosa” refere-se à experiência da realidade, da presença e da atividade de um Ser Supremo, do Sagrado, ou de Deus. Ou, em outras palavras, a experiência religiosa é a resposta do indivíduo, primariamente em termos cognitivos e emocionais, a qualquer coisa que ele considera divina e essa experiência é a base das práticas religiosas. Nesse sentido, a “experiência religiosa” refere-se ao encontro, momentâneo ou na totalidade de vida com “Deus” e as práticas religiosas; expressam ou incorporam esta experiên-

James Reaves FARRIS. “Psicologia e religião”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

cia direta. O tipo, ou o conteúdo destas experiências, varia enormemente e, conseqüentemente, suas expressões em práticas religiosas; o elemento que define ou delimita a experiência religiosa é a presença, ou a experiência do Divino.

Dentro do cristianismo, a experiência do Divino, de Deus, é considerada como tendo sua fonte na revelação de um Deus pessoal. Um Deus que está se revelando. Mas, até hoje existem pelo menos duas escolas de pensamento a respeito da revelação, ou da natureza da experiência religiosa.

A escola clássica acredita que temos acesso à revelação de Deus. Esse acesso é bastante limitado e prejudicado por causa de nossa natureza imperfeita, ou pecaminosa; contudo, de qualquer forma há a possibilidade de *entrarmos em contato* com ou *recebermos* a revelação de Deus. Esse contato com Deus pode ser via experiências estáticas, místicas, ou na nossa vida dia a dia. Este contato pode ser via Bíblia, o culto, a natureza, as relações humanas, ou quase qualquer tipo de “experiência”. Este entendimento da “experiência de Deus” pode incluir os cinco sentidos, ver, ouvir, gostar, tocar e sentir cheiro, mas geralmente implica em experiências além desses sentidos biológicos. Assim, a “experiência religiosa” é uma consciência direta e imediata daquilo que transcende o intelecto e vontade, sujeito e objeto. Segundo Friedrich Schleiermacher a “experiência religiosa” é a experiência de dependência absoluta.<sup>3</sup> Para Rudolf Otto, a “experiência religiosa” é a experiência do *Mysterium Tremendum et Fascinans*, o Mistério Tremendo e Fascinante.<sup>4</sup> Para os dois, a “experiência religiosa” é um fenômeno universal. Dentro dessa perspectiva, mais para Otto do que para Schleiermacher, a experiência religiosa é qualitativamente única. Vem do além da experiência humana. Em termos de Schleiermacher é interessante notar que, enquanto ele tentava se distanciar de qualquer discussão sobre a “realidade” ou “exis-

3 SCHLEIERMACHER, Friedrich, *Über die Religion: Reden an die Gebildeten unter ihren Verächter*, Hamburg: Felix Meiner, 1958.

4 OTTO, Rudolf, *O Sagrado: Um Estudo do Elemento Não Racional na Idéia do Divino e Sua Relação com O Racional*. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião / Imprensa Metodista, 1985.

James Reaves FARRIS. “Psicologia e religião”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

tência” do objeto chamado Deus, ele, como Otto, deixava, às vezes, a nítida impressão de que a experiência de Deus é a experiência de uma realidade. Assim os dois fogem da descrição fenomenológica.

A outra escola de pensamento a respeito da “experiência religiosa” é que ela vem da, ou tem sua base, na experiência humana. Nessa perspectiva, a Teologia não é a “Ciência de Deus” baseada na revelação, ou na experiência direta, de Deus. A Teologia é *theos-logos*, linguagem, ou palavras sobre Deus. A Teologia não tem sua base em alguma experiência religiosa pré-linguística ou pré-cognitiva de Deus. Segundo esta linha de pensamento, os seres humanos não têm acesso direto, ou puro, a Deus. Toda a experiência humana é mediada por palavras, linguagem, ou experiências que existem e funcionam dentro de contextos culturais complexos. Não existe a experiência pura ou, pelo menos, não temos acesso à experiência pura. A experiência e a linguagem estão sempre entrelaçadas. A experiência é sempre formulada e transmitida por palavras ou linguagem. O sentido básico de termos religiosos, ou da experiência religiosa, não é derivado da experiência crua ou direta, mas dado por, ou formulado com, e na linguagem e nas imagens que temos aprendido. Nesse entendimento, a Teologia é gramática.<sup>5</sup> Como em toda a gramática, este processo envolve o esforço de entender como a linguagem é usada e as regras que a governam, a fim de distinguir entre a prática adequada e inadequada, ou clara e obscura.

Dentro dessa ótica, a Teologia é o estudo crítico da linguagem sobre “Deus”, usada por uma comunidade, ou comunidades, a fim de não apenas descrever como as pessoas falam sobre, ou experimentam, Deus, mas, também, descobrir e entender as estruturas, regras e a gramática que governam esta linguagem. A análise teológica procura, também, distinguir a melhor e a pior forma de expressão e definir a fala, mais ou menos adequada, sobre Deus, a fim de informar a práxis. Nesse sentido ou contexto não há conflito entre a psicologia e a religião, ou as práticas ou os comportamentos religiosos.

5 WITTGENSTEIN, Ludwig, *Investigações Filosóficas*, São Paulo, Nova Cultura, 1991.

James Reaves FARRIS. “Psicologia e religião”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

Não há consenso, nem na teologia acadêmica, nem na teologia confessional, sobre o lugar ou a natureza da revelação na consciência humana. O único consenso que mais ou menos existe é que nossa linguagem sobre Deus é sempre simbólica. A questão da possibilidade da experiência direta de Deus está longe de ser resolvida.

Esse tipo de experiência está frequentemente relacionado à experiência mística. A palavra “misticismo” tem dois sentidos clássicos. O primeiro é que o misticismo é a consciência imediata da realidade transcendente, ou última de Deus. Esse entendimento reflete uma experiência imediata de Deus ou do transcendente. Um segundo entendimento do misticismo é que ele é a crença na existência das realidades além da apreensão perceptiva, ou intelectual, que é central ao ser e acessível diretamente pela experiência subjetiva. Esse é o entendimento mais geral, ou acadêmico, do termo. O primeiro, envolve a experiência direta de Deus. O segundo, refere-se à crença na existência das realidades além da apreensão perceptiva ou intelectual, mas não necessariamente à experiência direta.

A psicologia entra na discussão, via pressuposto metodológico de que a “experiência religiosa” faz parte da consciência humana, e com a perspectiva de que ela não tem suas fontes na experiência direta de Deus. De novo, a psicologia é o estudo do Comportamento Humano. Não entra, hipoteticamente, nenhuma discussão da possibilidade da revelação, ou da experiência direta de Deus. Para a psicologia, a experiência religiosa é uma experiência humana e as práticas religiosas são comportamentos humanos. A “experiência religiosa” é um tipo de “experiência humana”, nada mais. Assim, as práticas religiosas são um tipo de comportamento humano que podem ser estudados como qualquer outro fenômeno. Como uma “ciência”, a psicologia quer estudar ou descrever o que pode ser observado – o comportamento humano. Pelo menos, hipoteticamente.

No entanto, a psicologia é muito mais do que o estudo puro e científico do comportamento humano. Pelo menos dentro das teorias de personalidade, sempre há valores implícitos e explícitos. A psicologia,

James Reaves FARRIS. “Psicologia e religião”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

especificamente as teorias da personalidade, não é neutra. As teorias da personalidade quase sempre, se não sempre, têm ou implicam em antropologias. Há oito entendimentos ou teorias clássicas da religião na personalidade humana: William James, Sigmund Freud, Carl Jung, Gordon Allport, Abraham Maslow, Alan Watts, Erich Fromm e Viktor Frankl.<sup>6</sup> Num extremo, a religião, ou a experiência religiosa, é uma neurose, segundo Freud<sup>7</sup>, e, no outro extremo, ela pode ser um aspecto saudável da busca de sentido, de acordo com Frankl<sup>8</sup>. Segundo ele existe uma inconsciência espiritual. De qualquer forma, cada umas destas teorias oferecem um parecer sobre a possibilidade da religiosidade salugênica e patogênica, de uma perspectiva psicológica. Nenhuma dessas teorias entra na discussão sobre a revelação. Este tópico, ou esta discussão, está fora do âmbito das teorias da personalidade. A questão é da “experiência religiosa”, da “religião”, ou das “práticas religiosas” como comportamento humano salugênico ou patogênico e cada teoria tem sua definição, ou delimitação, dos conceitos “normal”, “anormal”, “salugênico” e “patogênico” a respeito da “experiência religiosa” ou da “religião”.

No entanto, a psicologia entra indiretamente na discussão sobre a relação entre “Deus” e a “experiência religiosa”, ao observar de que todo o comportamento humano é mediado pela percepção e linguagem. Nesse sentido, não há, não existe, experiência pura. Nossas experiências são sempre filtradas, interpretadas, expressas, entendidas e comunicadas, por meio da linguagem, das estruturas cognitivas e das faculdades perceptivas. Segundo essa linha de pensamento, a “experiência religiosa pura de Deus” não existe, não pode existir. Só existem símbolos, idéias, conceitos, construções, práticas, e percepções de ou sobre Deus.

<sup>6</sup> FULLER, Andrew, *Psychology and Religion: Eight Points of View*, London, Littlefield, 1994.

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund, O Futuro de Uma Ilusão, in, *Os Pensadores*, Abril Cultural, 1978.

<sup>8</sup> FRANKL, Viktor, *A Presença Ignorada de Deus*, São Leopoldo: Sulina / Sinodal, 1985.

James Reaves FARRIS. “Psicologia e religião”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

## Psicologia e práticas religiosas

Em termos da psicologia e das práticas religiosas, existem duas perspectivas, ou abordagens clássicas, a respeito do estudo da religião: o fenomenológico e o explicativo. O fenomenológico é o estudo ou a descrição dos comportamentos religiosos, seus significados e suas funções na vida de indivíduos e grupos. Esta abordagem foi profundamente influenciada pelo sociólogo Émile Durkheim<sup>9</sup> e seu entendimento da religião como um fenômeno social. O fundador do estudo fenomenológico da religião, de uma perspectiva psicológica, foi Granville Stanley Hall.<sup>10</sup> Ele estudou a psicologia da conversão e influenciou uma geração de estudos psicológicos sobre a religião com suas pesquisas, nos Estados Unidos. Em geral, essa abordagem começou com uma única preocupação, a descrição de comportamentos religiosos, sem nenhuma preocupação com a função ou o sentido da religião. Atualmente, a psicologia da religião estuda muito mais a função, ou o sentido da religião, da dimensão pessoal, e não se restringe apenas à descrição das práticas religiosas.

A perspectiva explicativa vem do estudo da personalidade e quer entender e interpretar a religião em termos de suas funções nas estruturas da psique. Essa linha de pesquisa, ou perspectiva, começou com as teorias de Freud e Jung sobre as relações entre a personalidade e a religião, ou as práticas e crenças religiosas. Em geral, estas teorias iniciais forneceram explicações reducionistas e naturalísticas da religião. Por exemplo, em Freud, a religião ou as experiências religiosas são apenas manifestações dos conteúdos do inconsciente, ou, mais especificamente, a manifestação na vida consciente, de conflitos inconscientes que começaram nas relações entre a criança e seus pais. Assim, a religião é simplesmente e apenas uma projeção de conflitos não resolvidos. Há uma grande diversidade de outras teorias de personalidade e religiosidade, mas, pelo menos nos clássicos, a tendência é um certo reducionismo e

<sup>9</sup> DURKHEIM, Émile, *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, São Paulo: Paulinas, 1989.

<sup>10</sup> HALL, Granville Stanley, *Adolescence: Its Psychology and its Relation to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education*, New York: Appleton, 1904.

James Reaves FARRIS. “Psicologia e religião”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

naturalismo que quer explicar a religião somente em termos de dinâmicas psicológicas.

Atualmente, as teorias da personalidade aceitam, em geral, a idéia de que a experiência de Deus, e do comportamento religioso, são “normais” e têm, ou podem ter, uma função positiva nas estruturas da personalidade. Um exemplo dessa idéia é a pesquisa de Ana-Maria Rizzuto sobre o nascimento do Deus vivo, a formação de imagens de Deus, na personalidade.<sup>11</sup>

A psicologia da religião, também, está participando de diversos tipos de diálogo trans-disciplinar, com a teologia e a ética, em termos da religiosidade “salugênica” e “patogênica”, e como as pessoas e os grupos usam a religiosidade a fim de resolver problemas e lidar com crises e traumas. Essa discussão, sem dúvida, é complexa e polêmica, mas geralmente não entra a idéia de que a religião é um tipo de neurose ou sinal de falta de desenvolvimento adequado da personalidade. A publicação mais recente nesta área de pesquisa é de Kenneth Pargament, *The Psychology of Religion and Coping*. New York, Guilford, 1997.<sup>12</sup> Este livro trata de diversos temas relacionados ao uso da religião como recurso no meio de crises ou traumas. O texto usa, como base teórica, as idéias de Erich Fromm em termos da distinção entre a religião autoritária e a humanista, ou entre a religião que ajuda o ser humano na sua atualização plena, e aquele que promove a fuga da responsabilidade e maturidade. O livro também mostra a tendência atual na psicologia da religião de entender a religião como uma maneira de construir e manter significado. Assim, a psicologia da religião está saindo das tendências históricas de apenas descrever comportamentos religiosos, sem identificar e discutir suas funções individuais e sociais.

Talvez a discussão mais interessante dentro da psicologia da religião trate das discussões do desenvolvimento da religião e suas relações com a personalidade, a cognição e as interações psicossociais. No contexto norte americano, o autor mais ativo nessa discussão é James Fo-

<sup>11</sup> RIZZUTO, Ana-Maria, *Birth of the Living God*, New York: Eerdmans, 1981.

<sup>12</sup> PARGAMENTE, Kenneth, *The Psychology of Religion and Coping*, New York: Guilford, 1997. James Reaves FARRIS. “Psicologia e religião”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

wler. Fowler estuda o desenvolvimento cognitivo e psicossocial da pessoa, ou do ego, e suas relações com tipos, ou estágios, de fé, ou construções religiosas.<sup>13</sup>

Uma idéia central no pensamento de Fowler é que a fé faz parte da consciência humana. A fé e a personalidade desenvolvem-se juntas. Não são a mesma coisa, mas são entrelaçadas. Fowler entende a fé como a experiência humana de lealdade e confiança. A fé é essencialmente o processo universal humano de construir significado, que é uma parte integrante do desenvolvimento do ego, ou da personalidade. A fé é a disposição total da pessoa a um definitivo referencial, ou centro de valor, que dá poder, apoio, orientação, coragem e esperança às nossas vidas e nos unem em comunidades de fé.

A fé pode incluir Deus, mas não se circunscreve a este tipo específico de fé. As pessoas podem ter fé em idéias, objetos, instituições e assim sucessivamente. A fé é universal no sentido de ser presente em todos os seres humanos. Todas as pessoas têm algum tipo de fé. Não existe nenhuma pessoa que não tenha um centro de valor, ou centros de valor, dando sentido e direção à sua vida. Em outras palavras, a fé brota de dentro da pessoa em vez de, sempre, ter sua fonte num Deus transcendente. Resumidamente, os estágios da fé tratam da questão de como nasce e se desenvolve a fé na personalidade.

No contexto brasileiro, um dos autores que mais lida com este campo de pesquisa é Mauro Martins AmatuZZi. Enquanto Fowler trata da fé como universal ligado ao desenvolvimento cognitivo, AmatuZZi está mais interessado no aspecto psicossocial da religião e relaciona as práticas religiosas com habilidades sócias ou psicossociais. Em contraste a Fowler, AmatuZZi enfatiza mais as teorias psicossociais de Erik Erikson e dá menos ênfase ao elemento cognitivo. Isso pode refletir as realidades brasileiras em termos de entender a relação entre a religião e a exclusão social.

De modo similar, Edênio Valle entende a experiência religiosa em termos de sua identidade e função psicossocial e analisa as relações en-

<sup>13</sup> FOWLER, James. *Estágios da Fé*, São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1992.

James Reaves FARRIS. “Psicologia e religião”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

tre tipos específicos de religiosidade, na religiosidade popular e na nova era, e realidades ou forças sociais.<sup>14</sup> Essa maneira de entender e analisar a religião não presta atenção ao processo do desenvolvimento da religiosidade, mas destaca como a religião funciona socialmente. De qualquer modo, pesquisas tais como essas destacam a função social “normal” da religião em termos de “descrever” e “entender” a religião como sendo uma parte integral da vida individual e social.

Em resumo, esses e outros esforços, buscam vínculos entre o desenvolvimento da pessoa, a função social e as práticas religiosas num modo que não reduz a religião a um ou outro aspecto da personalidade, mas a entendem como parte integral do ser humano. A implicação dessa perspectiva para o estudo psicológico da religião é que a religião, ou as práticas religiosas, não representa uma prática ou um aspecto desvinculado da totalidade do ser humano, mas como parte ou aspecto “normal” ou “comum” na vida humana. Assim, o estudo psicológico moderno da religião a reconhece como sendo uma parte integral da personalidade e do comportamento humano. As questões relacionadas com a religião “patogênica”, ou “salugênica”, são vinculadas à função da religião dentro da matriz do comportamento ou da identidade humana e não relegadas a um ou outro aspecto da personalidade. Esta abordagem ainda entende a religião como um comportamento individual e social que funciona em termos da sobrevivência ou atualização da pessoa, mas, em contraste com os entendimentos de cinquenta anos atrás, a religião e os comportamentos religiosos têm ou podem ter uma função positiva na vida e na personalidade.

## Considerações finais

A psicologia é uma ciência no sentido de aplicar o método científico. Isso significa que ela quer definir um objeto de estudo e aplicar um grupo de métodos, ou procedimentos, a fim de entender melhor este

<sup>14</sup> VALLE, Edênio, *Psicologia e Experiência Religiosa*, São Paulo: Loyola, 1998.  
James Reaves FARRIS. “Psicologia e religião”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

objeto. O objeto central ou fundamental da psicologia é o comportamento humano, e/ou a mente humana. A delimitação deste objeto limita, delimita ou define a visão, ou perspectiva da psicologia. Essa abordagem “científica” tem vantagens e desvantagens. A vantagem é que com tal delimitação do campo de estudo, a psicologia não tem que responder, a todas as questões em torno da existência humana. Seu campo de pesquisa é limitado ao comportamento humano e a relação entre a mente e o cérebro. Suas respostas às questões em torno da identidade do ser humano são limitadas por seu campo de estudo, o comportamento humano. O observável. Questões existenciais ou ontológicas raramente entram. É interessante notar que o diálogo com a teologia e a ética geralmente acontecem em torno das questões da “normalidade” e “saúde emocional ou mental”. Em outras palavras, a psicologia da religião reconhece, cada vez mais, que seu campo de pesquisa está ligado especificamente ao mundo de descrever, fenomenologicamente, a religião e não julgar ou avaliar os valores ou as verdades existenciais dessas práticas.

A vantagem dessa ótica, ou da abordagem científica é que via tal delimitação de campo, ela pode observar, com um mínimo de distração, o objeto que está sendo pesquisado. Assim, a psicologia pode estudar o ser humano sem as diversas questões de valor presente em sistemas religiosos. Mas, a psicologia, como a ciência em geral, não é neutra. Ela tem seus pressupostos implícitos. De qualquer forma, a busca da psicologia é estudar seu objeto definido, o comportamento humano, com o mínimo de pressupostos, preconceitos ou valores implícitos possíveis, mas sempre reconhecendo as limitações do método científico e a não existência da neutralidade científica.

O grande erro em termos da interpretação de dados psicológicos a respeito do ser humano é tentar extrapolar estes “fatos” ou “dados” ao nível da existência ou da ontologia. Não é possível “provar” ou “negar” a existência do Divino, do Sagrado ou de Deus usando o método científico. Não é possível julgar o valor de imagens de Deus, de comportamentos religiosos ou de experiências religiosas, somente por meio da psicologia. Dentro do campo da psicologia é possível somente uma ava-

James Reaves FARRIS. “Psicologia e religião”. In: *Caminhando*, vol. 7, n. 1 [9], 2002, p. 23-37 [Edição on-line, 2009].

liação da “função” ou do “sentido” da religião dentro do contexto humano, segundo teorias específicas.

Por outro lado, as teorias psicológicas podem contribuir profundamente para o entendimento do lugar, da função e do sentido da religião na vida e na personalidade humana. Tais perspectivas podem contribuir ao entendimento da religião “salugênica” e “patogênica”. De importância fundamental é não confundir os campos de entendimento e sentido, mas isso não é sempre fácil. A psicologia entra nas discussões sobre a potencialidade e identidade humana e a religião apresenta diversas antropologias e descrições dos comportamentos humanos que refletem, ou não, a Imago Dei. As fronteiras entre a psicologia, a filosofia e a religião não são bem definidas. Por essa razão, apesar de ser polêmico, o diálogo entre a psicologia e a religião é de fundamental importância.

***James Farris***

*é Doutor em Teologia,  
professor na Área de Teologia Prática  
na Faculdade de Teologia  
e no Curso de Pós-Graduação – Umesp*